

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VIII



COIMBRA / 1959

Algumas palavras sobre as prováveis concepções táticas de Nuno Alvares nas duas sucessivas posições de Aljubarrota

Pela quarta vez me vou ocupar da célebre batalha, hoje tão posta em foco pelas escavações realizadas em frente dum parte do sector médio da 1.^a *linha tática* — ou *az*, como à época se dizia — na 2.^a posição, a de S. Jorge. Agora, porém, circunscrever-me-ei a expor resumidamente o meu parecer quanto ao problema da indução dos planos do Condestável em ambas as posições, problema, esse, primordial entre os, numerosos, que nos suscitam o exame do terreno e a análise das fontes, históricas e arqueológicas. A seu tempo virá, se Deus o permitir, um trabalho de conjunto, abrangendo toda a campanha de 1385, como reedição, correcta e ampliada, do que tenho escrito desde 1930.

A) Primeira posição.

Tanto do autor, anónimo, da *Crónica do Condestabre* como do próprio Fernão Lopes (que, quanto a textos portugueses, dispôs ainda de outros, actualmente perdidos) apenas se infere que a 1.^a posição se situou para o N. da 2.^a e com frente para Leiria. Ayala, combatente da batalha — e, também, fonte de Fernão Lopes — nem sequer, caso estranho, lhe alude. Assim, se não fora a carta, felizmente conservada e divulgada, do Rei de Castela, quinze dias após a batalha, ao concelho de Murcia, estaríamos reduzidos a simples conjecturas. Na verdade, é apenas por algumas linhas dessa carta que, com segurança, podemos definir aproximadamente a referida posição: na extremidade norte do dorso em que corre a estrada de S. Jorge para a ponte do Boutaca, à entrada da vila da Batalha, com a frente nos esporões que a S. e a SO. da mesma

ponte se erguem, sobranceiros ao ribeiro da Calvaria — aí transversal à estrada ide Leiria — e ladeados, imediatamente ao nascente, por outro ribeiro, o do vale da Mata, que com o primeiro conflue na orla sul da referida vila. Ao poente deles, uns 800 m., e após outros esporões, passa num brejo o ribeiro do Vale de Madeiros (que lá toma o nome de Vale do Porto), igualmente afluente do da Calvaria.

Como o Rei de Castela escreveu, a posição era difícil de atacar; «plaza fuerte» lhe chamou de princípio, salientando, logo depois, sua localização entre «idos arroyos» e a altura, sobre estes, de 10 ou 12 braças, realmente não exagerada, pois o comandamento da *crista militar* em relação aos dois primeiros ribeiros — provavelmente, esses, os «arroyos» referidos — anda por 2'5 a 30 m., com variação do declive entre 20 e 25%, excepto numa garganta intermédia aos esporões de que falei, aquela por onde a estrada desce para a ponte.

Nesses esporões se estabeleceu, por certo, a 1.^a linha táctica (vanguarda e alas), com os respectivos atiradores (arqueiros ingleses, besteiros e fundibulários portugueses) na crista militar e os «homens de armas» (espécie de couraceiros, com lanças compridas, estoques e fochas ou machados de duas mãos) desmontados e um pouco, julgo, à rectagup^da — estes, a seu turno, apoiados, mais atrás, por «homens de pé», com variado armamento: lanças curtas, dardos, punhais e machados vulgares.

Porém, a posição não permitia a saída em contra-ataque, apenas *retornos ofensivos* no interior, caso o inimigo nele chegasse a penetrar. Teria pensado Nuno Alvares nessa eventualidade? Suponho que sim, como também suspeito, pela configuração do terreno, que a 2.^a linha táctica (*az da guarda*) deve ter sido desviada, em relação à 1.^a, algum tanto para O., lado do flanco não protegido imediatamente por obstáculos. Por último, e nisso não pode haver dúvidas, o chamado *curral da carriagem* — aglomeração, todavia, pouco densa em vasto espaço, dos solípedes (alguns milhares) e das viaturas — cobria, com a numerosa «gente de serventia» da hoste (pagens guarda-cavalos e azeméis), reforçada por contingentes de besteiros e homens de pé, a rectaguarda do dispositivo de combate.

O que deixo dito é já suficiente para, sem adução de mais considerações, se induzir: 1.^o, que o Condestável supôs que o inimigo, confiando na grande superioridade numérica de que dispunha, não hesitaria em arrancar perante o desafio directo que representava a

ocupação duma posição transversal a sua estrada de marcha; 2.º, que, para essa hipótese, que aliás falhou, ÍNuno Alvares previu uma batalha puramente defensiva — isto é, preciso, sem contra-ataques exteriores.

B) *Segunda posição.*

Negando-se a empreender o ataque frontal, o adversário começou (pouco depois do meio-dia, parece) a tornear a primeira posição, por O. Que pretendia ele ? Atacá-la desse lado ? Do S. ? Ou, ainda, desprezando a provocação, prosseguir para Santarém — sua principal praça entre as que, desde o ano anterior, possuía na 'Estremadura— senão mesmo ir logo sobre 'Lisboa, já ao tempo considerada coração do País e em frente da qual se encontrava, com precedência de meses, a frota castelhana?...

A hipótese do ataque por O. não preocupou, decerto, Nuno Alvares, em virtude das seguintes circunstâncias: 1.ª, no campo português teve-se, desde o início do movimento torneante, a impressão de que este significava inteira desistência de combater: «Oo pesar do demo, já se vão e non querem pellejar!» (Femão Lopes); 2.ª, o acesso, por O., à rectaguarda imediata da posição pouco menos difícil seria (encostas de 14 a 25 %) do que o frontal, a que o adversário renunciara — não era, pois, provável que ele o intentasse, tanto mais que sua cavalaria ligeira '(ginetes) já teria, plausivelmente, reconhecido a facilidade dum ataque de revés, de S. Jorge para o N. Com efeito, apenas meia-légua a S. da posição portuguesa, abre-se a esplanada que do local da ermida de S. Jorge desce suavemente para a mesma posição. Assim, se o inimigo se resolvesse, finalmente, a acometer, seria por lá que viria.

Continuemos na tentativa de uma aproximada reconstituição dos raciocínios de Nuno Alvares.

Havia urgentemente que inverter o dispositivo de combate e deslocá-lo para o S. Mas de um pouco, apenas, para além da carriagem ? Ou para 2 km. mais longe, atrás e para os flancos do maior estrangulamento do planalto, situado, esse, à altura da ermida ?

A primeira solução apresentava, além de outros inconvenientes que, por brevidade, omito, o de não renovar, por maior avanço, o desafio ao adversário. A segunda, pelo contrário, agradava a pro-

vocação, sem demasiado risco, embora a rectaguarda deixasse de ficar protegida, de perto, pelo curral da carriagem, que de determinado passo de Fernão Lopes se infere ter permanecido onde estava.

Nuno Alvares já por S. Jorge 'havia passado, não apenas no dia da batalha, quando, manhã cedo, fora ocupar a 1.^a posição, mas também na véspera, creio, ao regressar de seu reconhecimento, de Porto de Mós na direcção de Leiria. Contudo, é de presumir que, após dada ordem à hoste para a mudança de posição, ele se lhe haja adiantado, com uma escolita e alguns dos principais cavaleiros do contingente estrangeiro, veteranos das campanhas do Príncipe Negro — entre eles, o gascão Montferrand— afim de fixar sobre o terreno, com antecipação à chegada das tropas, o dispositivo das azes, bem como o sistema de defesas acessórias a improvisar para progressiva desagregação do, contudo, desejado ataque inimigo pelo planalto, frente ao N.

¶Duas hipóteses tinha Nuno Alvares que prever para esse eventual ataque por «homens de armas», a tropa de choque da época: ofensiva a cavalo ou assalto a pé, modalidade para a qual já, ao tempo, se tendia acentuadamente.

A realizar-se a primeira hipótese, convinha que a vanguarda portuguesa, apeada, aguardasse, em seu sítio, o embate do adversário; a efectivar-se a segunda, impunha-se a saída em contra-ataque ordenado — e, portanto, lento — até o estrangulamento do planalto, cujos lados seriam ainda eficazmente batidos pelo tiro, a uns 100 m., das alas, imóveis, à rectaguarda deles. De aí, a necessidade de colocar a vanguarda (unidade central da 1.^a linha táctica) a uns 200 passos a N. do mencionado estrangulamento. Claro que a previsão da segunda hipótese não prejudicaria a da primeira, pois dispondo-se as alas — como, segundo Froissart e Soares da Silva, de facto, se dispuzeram — em situação algum tanto avançada relativamente à vanguarda (o que também se induz de Fernão Lopes), o inimigo, caso atacasse a cavalo, seria então, por elas, alvejado, de ambos os flancos, até mesmo depois 'de chegar ao contacto com a vanguarda.

Como se vê, inclino-me a que Nuno Alvares haja projectado o dispositivo da 1.^a linha táctica como uma frente abaluartada — delgada *cortina*, ao meio, figurada pela vanguarda; os *baluartes*, maciços, pelas alas — disposta, toda ela, a N. da actual ermida.

Assim, ele considerou, a meu ver, as alas não apenas como órgãos flanqueantes, (por seus atiradores, mas ainda como reservas laterais para contra-atacar, dos dois lados, o adversário, se este, >por seu impacto, conseguisse abrir brecha na vanguarda. Mais se avigora esta minha indução pelo faûto de a vanguarda ter ficado desprovida dos homens de pé de seu efectivo orgânico, indício de que eles foram, como os besteiros, destacados para as alas.

(Resumindo, pode dizer-se que Nuno Alvares concebeu o seu dispositivo de forma a, como realmente veio a produzir-se, realizar, na eventualidade de o inimigo perfurar a vanguarda, o envolvimento do bloco de ruptura, pela convergência, em auxílio da vanguarda, das alas e da rêguarda (alguns milhares de homens de pé incluídos).

Duas palavras ainda, agora a respeito das defesas acessórias. Se bem que na Península se não praticasse a fortificação de campo de batalha, certamente que Nuno Alvares tinha, desde quatro anos antes, pela convivência com os ingleses do Conde de Cambridge, conhecimento de seu, todavia, eventual emprego na Europa Central. E também é de presumir que, pelo menos, Montferrand — veterano, segundo Fernão Lopes, de sete batalhas — o houvesse aconselhado a empreendê-la. Mas qual seria a ideia táctica que presidiu a sua aplicação ? Simplesmente, a de constituir um obstáculo contínuo, transversal à esplanada ? Ou, astuciosamente, a de canalizar o ataque do adversário por um corredor ? Deste corredor e de abataztes fala Froissart, como, a seu turno, o Rei de Castela refere um fosso e um talude transversais, e, finalmente, o *Dispensero de la Reina D. Leonor* menciona muitas «fosas» cobertas com rama e ainda um palanque, isto é, uma estacada.

Embora por enquanto, quase que restrita à parte da esplanada a E. da estrada ($\frac{1}{5}$ da largura do campo exterior da posição), a exploração arqueológica já descobriu um sistema de fossos e covas de lobo que leva a acreditar na plausibilidade, quer do corredor, quer, também, do aspecto de fortaleza campal que a posição ganhou e que Froissart salienta, firmado no testemunho, em Orthez (1388), de combatentes bearneses — dois dos raros pontos em que seu texto é fidedigno quanto a factos militares portugueses.

O citado sistema decompõe-se, a partir do N., em duas partes que flagrantemente contrastam uma com a outra. A primeira resume-se a um fosso isolado, cujo principal 'troço — cerca de 120 m. — prin-

ripiam a uns 30 M. a NE. ida ermida e corre depois ao S., mais ou menos paralelamente à estrada, 50 m., em média, a E. déla. A segunda, situada adiante do extremo S. do mencionado fosso, é urna vasta e densa zona de obstáculos, em maioria constituídos por linhas de covas de lobo.

Conquanto a mesma zona não esteja ainda exaustivamente investigada, por falta de expropriações, é seguro que a sua área passou de 1 hectare e que dentro dela se abriram mais de 800 covas, além de cinco fossos transversais à direcção da estrada.

Que haveria, ocorre perguntar, a O. da estrada, terreno, por enquanto, não explorado metodicamente ? Parece natural que um dispositivo análogo: primeiro, a partir do N., um fosso paralelo à estrada e a pequena distância da mesma; depois, ao S., covas de lobo e fossos semelhantes aos da zona E., a que acresceriam numerosos abatizes.

Nova pergunta acode: a que se destinariam os dois fossos paralelos à estrada e logo a 'S. da ermida ? Creio que a proteger paliçadas imediatamente atrás, ao abrigo idas quais, atiradores destacados das alas flanqueariam o corredor. Em qualquer caso, a construção de paliçadas parece inegável; atestam-na quer a menção do palanque pelo *Despensero*: quer, mais antiga ainda — porque do dia imediato ao da batalha—a do lugar de redacção de certo diploma do nosso D. João 'I: «arrai de tauoado da cumeira de Aljubarota».

Calculo que os trabalhos de fortificação não hajam demorado mais de umas três horas e meia: cerca da 1 às 4^{1/2} da tarde, e isso porque eles já estavam, parece, concluídos quando da entrevista dos parlamentarios castelhanos com Nuno Alvares, a qual se realizou pouco antes da «hora de vésperas». Ora como, no dia da batalha, o sol esteve acima do horizonte durante 13 horas e 25 minutos (amável informação do Senhor Doutor (Manuel Peres, meu eminente confrade na Academia das Ciências e antigo Director do Observatório Astronómico da Ajuda), segue-se que a referida hora (definida, à 'época, pelo meio do intervalo entre o termo da de *noa* e o pôr do sol) caiu, naquele dia, pelas 5 h. — i. é., acrescento a propósito, 1 h. ^{3/4} antes do ocaso, ao qual seguiu, ainda, meia hora de «dia claro».

Remato, expressando minha opinião de que as defesas acessórias, conquanto impressionantes por suas excepcionais proporções, nos

não devem obcecar a ponto de perdermos de vista o genial plano tático, de conjunto, do grande Condestável, graças ao qual ele conseguiu— apesar da desigualdade, em seu desfavor, dos efectivos das hostes — alcançar a vitória, por superioridade numérica de combatentes em acção no local, previsto, da refrega.

A. BOTELHO DA COSTA VEIGA